

Coluna do Castello

Déficit no poder de decisão política

As reformas do presidente Sarney, que complementaríamos a política de estabilização econômica, não transitam com facilidade. Talvez lhes falte o que terá sido a chave do plano de inflação zero: o sigilo total na decisão e na elaboração de um documento que, solto nas folhas, seria bloqueado por centenas de páginas de literatura econômica. Mas as planejadas, como complemento ou como atendimento a compromissos históricos, estão emperradas.

Da criação da **holding** gigante, de que tanto se falou, já não se fala mais, a tal ponto que mesmo dúvidas já há se alguém mencionou o assunto no suave encontro de Carajás. De lá saíra com dúvidas apenas o ministro João Sayad. Hoje, a dúvida generalizou-se, descobriu-se que a **superholding** é o próprio Estado, identificou-se como inatacáveis os direitos dos acionistas privados das estatais como obstáculo ao desvio dos seus lucros, legítimos ou não, para fins de cobrir buracos em outras estatais, que o governo não tem como acudir.

O fato é que estão aí os gastos do Tesouro, as emissões, a invulnerabilidade das estatais (salvo quando corroídas pelo déficit), a necessidade de ampliar as reservas de investimento a fim de sustentar uma taxa de desenvolvimento estimulante etc. Tudo aí está e, se os rapazes não trabalham em segredo nalgum pacote inescrutável, é difícil chegar a um acordo não só entre o governo e a gerência informal do país como dentro do próprio governo. É importante seria que os magos desovassem seus pacotes antes de implantada a Constituinte, pois o período de disponibilidade do presidente Sarney para implementar o projeto desencadeado pelo plano de estabilização termina moralmente com as eleições e, realmente, com a instalação do próximo Congresso.

Ainda não está em dúvida a competência do governo e da sua assessoria, mas já se deu tempo a uma mobilização dos "contras" capaz de transformar numa nova América Central as reformas da economia brasileira que visam a lançar o país numa visão atualizada, moderna, presumidamente datada do terceiro milênio. O presidente Sarney deve estar às voltas com contradições de opinião dentro do seu governo mas, depois de Carajás, ele precisa suspender o debate colocando a nação diante de decisões que poderão se transformar, ou não, numa nova fonte de otimismo ou num celeiro de dúvidas.

Outro ponto em que está pegando o reformismo do presidente Sarney é a reforma agrária. Politicamente, ele já fez no setor sua reforma ministerial, sem que pensasse sequer nas opções do presidente Ulysses Guimarães. O homem das diretas-já, no entanto, não está se revelando como o homem da reforma-já. Ele não conseguiu preencher a presidência do Inbra e os consultados são vetados pelo Palácio ou os indicados são rejeitados pelo ministro. Há um impasse, que pode ter como desfecho um retorno à prefeitura de Cuiabá. No fundo, tudo decorre de que não se alcançou o clima de harmonização e conciliação preconizado pelo presidente como chave da reforma. Tudo continua situado nos termos de confrontação ideológica e, enquanto o ministro Dante de Oliveira é compulsoriamente devolvido à esquerda, o ministro Paulo Brossard é violentamente lançado à extrema direita.

O império da lei e da ordem que o ministro da justiça pensou fixar como premissa de solução dos conflitos do Bico do Papagaio transforma-se numa fantasia, na medida em que o cenário continua dominado pelos fazendeiros armados e pelos posseiros ou invasores cobertos pela retórica que as pastorais da terra estendem como um manto protetor. De esquerda não se fala. Seus combatentes evacuaram o terreno desde a derrota de Xambioá e hoje a questão ficou sob a responsabilidade dos pastores que rezam missas e cumprem os rituais católicos mas imbuídos de um espírito de justiça que esteve tão distante da presença do clero no desenvolvimento histórico e social do país (salvo notórias exceções).

A confiança do presidente Sarney não se abalou, contudo. Ele continua de olhos postos no seu mago da economia prática, que é o ministro Dílson Funaro, e confiante no seu senso de escolha ao retirar da reforma agrária o representante da esquerda clerical, substituindo-o por alguém que, oriundo da esquerda romântica, lhe parecia dotado de espírito prático, da confiabilidade da sua grei e da agilidade de decisões que lhe parecem essenciais para quebrar os nós da burocracia paralisante. O Sr. Dante de Oliveira desenha um perfil de sombrio Hamlet das vizinhanças do Pantanal.